

ANIMALIDADE, VULNERABILIDADE, DEPENDÊNCIA E FLORESCIMENTO HUMANO NO PENSAMENTO DE ALASDAIR MACINTYRE

Isabel Cristina Rocha Hipólito Gonçalves¹

Resumo: Alasdair MacIntyre em sua filosofia moral propõe uma ética das virtudes que tem como um de seus fundamentos a condição de animalidade e dependência do homem, assim como a noção de florescimento, que implica o desenvolvimento do raciocínio prático independente. Neste trabalho buscamos identificar como MacIntyre apresenta o caráter de animalidade e vulnerabilidade do ser humano enquanto animal racional e o processo de florescimento que somente se realiza pelo exercício das virtudes do reconhecimento da dependência e do raciocínio independente.

Palavras-chave: Dependência. Florescimento. Raciocínio prático

Abstract: Alasdair MacIntyre in his moral philosophy proposes a virtue ethics that has as one of its foundations the condition of animality and dependence of man, as well as the notion of flourishing, which involves the development of practical reasoning independent. In this work we identify as MacIntyre presents the character of animality and vulnerability of the human being as a rational animal and the flowering process that only takes place through the exercise of the virtues of the recognition of dependence and independent reasoning.

Keywords: Dependence. Flowering. Practical reasoning

Introdução

A filosofia moral de Alasdair MacIntyre nos apresenta uma proposta de ética das virtudes, pela qual ele reposiciona, no interior do debate moral, o conceito de homem, delimitando a sua condição de animal racional para além de uma ideologia de autonomia e liberdade autojustificáveis, mas reconhecendo sua vulnerabilidade, enquanto um animal dependente que para florescer e atingir o seu *telos* precisa dos outros e das virtudes.

Neste trabalho buscamos identificar como MacIntyre apresenta o caráter de animalidade e vulnerabilidade do ser humano enquanto animal racional e o processo de florescimento que somente se realiza pelo exercício das virtudes do reconhecimento da dependência e do raciocínio independente. Estes pontos são discutidos por MacIntyre na obra *Dependent Rational Animals: why humans beings need the virtues* (1999).

Tendo em vista as discussões contidas nesta obra apresentamos, sucintamente, como MacIntyre aborda os conceitos de animalidade, vulnerabilidade e dependência como características inerentes a natureza humana, assim como desenvolve a noção de florescimento humano, vinculada às virtudes e ao desenvolvimento do raciocínio prático independente.

¹ Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí/IFPI, Mestre em Filosofia pela UFPI e Doutoranda em Filosofia pela UFC.

A condição humana: animalidade, vulnerabilidade e dependência

Na obra *Dependent rational animals: why human beings need the virtues* (1999), MacIntyre produz uma explicação sobre a condição do ser humano, do seu desenvolvimento enquanto ser racional e o papel das virtudes para seu florescimento, conceitos fundamentais para sua concepção de sujeito moral.

MacIntyre vai afirmar as semelhanças que o ser humano guarda em relação a animais inteligentes de outras espécies, e que a identidade humana é uma identidade animal, corporal, e as relações entre os seres humanos, assim como suas limitações e a capacidade de superá-las está relacionada a esta identidade. Ele diz:

a identidade humana é primariamente, ainda que não unicamente, corporal e, portanto, identidade animal; e é por referência a essa identidade que as continuidades de nossas relações com os outros são parcialmente definidas. Entre os vários males que nos afligem estão aqueles que distorcem estas continuidades – perda ou dano à memória, por exemplo, ou desfiguração que impede que os outros possam nos reconhecer – assim como aquelas que nos incapacitam de outras formas.²

Ainda, MacIntyre vai apontar a importância moral do reconhecimento da vulnerabilidade e dependência do ser humano. MacIntyre afirma que esse reconhecimento não existiu na filosofia moral moderna, uma vez que esta enfatiza a autonomia dos indivíduos em sua capacidade para fazer escolhas independentes. Contudo, ele argumenta que as virtudes da ação moral independente só podem ser exercidas adequadamente se forem acompanhadas do que ele denomina de virtudes do reconhecimento da dependência, tendo em vista que se isso não for bem compreendido obscurecerá a ação racional. Esses dois conjuntos de virtudes – as virtudes da ação moral independente e as virtudes do reconhecimento da dependência – são necessários ao desenvolvimento das potencialidades específicas do animal racional humano e a identificação de como e porque precisamos dessas virtudes é um pré-requisito para a compreensão do lugar essencial do tipo de vida que permite o florescimento humano.

MacIntyre afirma que uma explicação satisfatória sobre a condição humana implica o reconhecimento da vulnerabilidade e dependência como parte desta condição. Os seres humanos são vulneráveis a uma diversidade de aflições e enfermidades e o enfrentamento destas condições depende somente em parte de cada um em si mesmo, uma vez que o frequente é que todo indivíduo dependa dos demais para sua sobrevivência e seu florescimento. Esta dependência em relação aos outros para receber proteção e sustento é mais evidente durante a infância e a velhice, mas entre estas duas etapas pode haver períodos, mais ou menos longos, em que o ser humano venha padecer de alguma enfermidade, lesão, ou incapacidade, chegando, em alguns casos, a adquirir uma incapacidade para o resto da vida.

A filosofia moral ocidental, segundo ele aponta, não tem apresentado esse reconhecimento. Quando as pessoas que padecem de alguma enfermidade ou incapacidade são mencionadas na literatura em filosofia moral são tratadas como pessoas distintas – objeto de benevolência – daqueles indivíduos que são saudáveis e racionais, e não como indivíduos que estão em uma situação que nós já estivemos, estamos ou estaremos no

² MacINTYRE, Alasdair. *Dependent Rational Animals: Why Human Beings Need the Virtues*. Chicago: Open Court Publishing Company, 1999. (The Paul Carus Lectures Series, 20). p.8. Tradução nossa.

futuro. Do mesmo modo, assim como a vulnerabilidade, a dependência não é reconhecida como parte fundamental da condição humana.

Para MacIntyre o não reconhecimento da vulnerabilidade e da dependência implica o não reconhecimento da importância da dimensão corporal da nossa existência, uma vez que incapacidades físicas e mentais são aflições do corpo. Este não reconhecimento está ligado à concepção do ser humano como diferente do animal, concepção justificada pela crença de que a racionalidade do ser humano independe de sua animalidade e, em consequência disso, nós podemos esquecer que somos o nosso corpo e que nossa maneira de pensar corresponde à maneira de pensar de uma espécie de animal. Assim, uma ideia central por ele defendida é que

as virtudes que nós precisamos, se vamos desenvolver de nossa condição animal inicial até aquela de agentes racionais independentes, e as virtudes que nós necessitamos, se vamos confrontar e responder à vulnerabilidade e deficiência, tanto em nós mesmos como nos outros, pertencem a um e mesmo conjunto de virtudes, as virtudes peculiares aos animais racionais dependentes, cuja dependência, racionalidade e animalidade têm de ser entendidas em relação umas com as outras.³

Assim, diz MacIntyre, para compreendermos os fenômenos da deficiência e dependência temos que afirmar a animalidade humana, compreendendo o fato de que o corpo humano é um corpo animal e que a identidade humana é corporal, e mais além, de que o ser humano não tem apenas um corpo, mas é seu corpo. Assim, o desenvolvimento e o florescimento humano estão relacionados à espécie de animal que é o ser humano e não a uma superação desta condição. Somente reconhecendo a condição de animalidade do homem e, assim, sua vulnerabilidade e dependência poderemos compreender o florescimento humano e a própria racionalidade humana.

O florescimento humano

Para MacIntyre a noção de florescimento humano, de desenvolvimento, está relacionada à noção de bem e de bens, e guarda o mesmo sentido do que é florescer para outras espécies. Ele diz que: “o que é florescer não é, obviamente, o mesmo para golfinhos como é para gorilas ou para humanos, mas é um e o mesmo conceito de florescer que encontra aplicação em membros de diferentes espécies animais e plantas”.⁴

Dizer que um indivíduo ou grupo floresce vai além de dizer que eles possuem determinadas características, mas que eles florescem em virtude de possuir um certo tipo de características, que demandam determinadas realizações que só podem ser conquistadas mediante o engajamento do indivíduo em atividades próprias ao tipo de ser que ele é. E essas atividades resultam no alcance de bens concretos que promovem a satisfação e o desenvolvimento de quem as realiza. Assim, o conceito de florescimento está ligado ao conceito de bem.

MacIntyre afirma que existem três formas de atribuição do conceito de bem: 1) o bem é atribuído pela avaliação de algo como meio que permite alcançar algo que é um bem em si mesmo; 2) a bondade é atribuída a alguém que no desempenho de um papel ou função alcança bens intrínsecos a essas práticas específicas, bens que são buscados em si mesmos; 3) o terceiro modo de atribuição de bem exige o julgamento acerca da melhor maneira de

³ MacINTYRE, 1999, p.5. Tradução nossa.

⁴ MacINTYRE, 1999, p.64. Tradução nossa.

ordenar os bens na vida de um indivíduo ou comunidade, uma vez que é necessário distinguir o que faz com que certos bens sejam bens e bens valiosos em si mesmos do que faz com que algo seja um bem para o indivíduo ou comunidade numa situação concreta, fazendo-o ser objeto de sua prática. Sobre o terceiro tipo de atribuição de bem, MacIntyre nos diz:

e nossos julgamentos sobre como é melhor para um indivíduo ou uma comunidade ordenar os bens em suas vidas exemplificam esse terceiro tipo de atribuição, por meio do qual julgamos incondicionalmente sobre o que é melhor para indivíduos ou grupos ser, fazer ou ter, não somente enquanto agentes engajados nesta ou naquela forma de atividade, neste ou naquele papel ou papéis, mas também enquanto seres humanos. São esses julgamentos que são julgamentos sobre o florescer humano.⁵

Estes julgamentos variam de uma cultura a outra, ou de uma situação a outra dentro de uma mesma cultura, contudo, nas mais variadas circunstâncias é inevitável a formulação da pergunta “porque devo fazer isto e não aquilo?”, já que é característico do ser humano refletir sobre o raciocínio prático e pôr em dúvida a ação realizada e o raciocínio que a conduziu. Assim,

os seres humanos precisam aprender a compreender a si mesmos como raciocinadores práticos sobre bens, sobre o que em situações particulares é o melhor a ser feito e sobre como é melhor para eles viverem a suas vidas. Sem aprender isto, seres humanos não podem florescer e, neste aspecto, obviamente, eles diferem dos golfinhos, de tal forma que sua vulnerabilidade é também de uma ordem diferente. Como os golfinhos, suas relações sociais são indispensáveis ao seu florescimento (...).

(...) Humanos por vezes não conseguem florescer sem arguir com outros e aprender deles sobre o florescer humano.⁶

O florescimento para os seres humanos implica o desenvolvimento das suas faculdades enquanto raciocinadores práticos independentes. Mas, seguir o curso do desenvolvimento – e florescer – tornando-se um raciocinador prático independente implica, para o ser humano, aprender a reconhecer uma ampla variedade de bens e de tipos de bens e a aprender a separar-se de seus desejos. Isto quer dizer que, quando uma pessoa justifica sua ação ou uma escolha, não faz de modo convincente afirmando que agiu de um determinado modo ou escolheu algo porque assim o desejou, nestes casos a justificativa caminha ao lado da exigência de responder a pergunta sobre se “a ação foi a melhor a ser realizada”, ou se “a escolha foi a melhor a ser feita”. Neste sentido, ao avaliarmos nossos desejos dessa forma estabelecemos uma distância entre nós, enquanto raciocinadores práticos, e nossos desejos. Só podemos nos reconhecer e agir como raciocinadores práticos se pudermos levantar a questão de se é bom agir em determinada situação com base em determinado desejo particular, uma vez que o que justifica uma ação “é sempre uma afirmação sobre o caráter do bem em questão e sobre a razão pela qual é melhor atuar de uma certa maneira, em uma determinada situação, para realizar esse bem”⁷.

As crianças se desenvolvem à medida que conseguem fazer a distinção entre as perguntas “o que quero?” ou “o que mais quero?”, da pergunta “o que é o melhor que posso fazer?”, e distinguir as respostas a elas. MacIntyre afirma que a criança aprende a fazer esta distinção somente com os outros, que fazem já essa distinção e a fazem pelas crianças

⁵ MacINTYRE, 1999, p.67. Tradução nossa.

⁶ MacINTYRE, 1999, p. 67-68. Tradução nossa.

⁷ MacINTYRE, 1999, p. 70. Tradução nossa.

mesmo antes que possam realizá-la. Ao aprenderem a empregar esta distinção as crianças aprendem a reconhecer as diferenças entre juízos que expressam desejos de juízos sobre o que é o bem e o que é o melhor para nós. E para ser capaz de julgar por si mesmo, o indivíduo deve aprender com os outros sobre o que é o bem em geral e o que é o bem para si mesmo. Neste sentido, MacIntyre nos diz que:

para desenvolver nossas faculdades como raciocinadores práticos independentes e, assim, florescer como membros da nossa espécie, é preciso fazer a transição da aceitação do que somos ensinados por aqueles primeiros professores para fazermos nossos próprios julgamentos sobre bens, julgamentos que somos capazes de justificar racionalmente a nós mesmos e aos outros fornecendo-nos boas razões para agirmos de uma maneira e não de outra.⁸

Este processo pelo qual nos tornamos raciocinadores práticos independentes está vinculado àqueles com os quais aprendemos a fazer juízos sobre o bem e a justificar nossas ações para além dos nossos desejos. Assim, é um processo social, que implica momentos de transição e que nunca se encerra, do qual nunca nos separamos, uma vez que, mesmo nos tornando raciocinadores práticos independentes continuaremos dependentes dos outros em alguma escala.

Veremos como MacIntyre discute este processo e a transição entre o raciocínio dependente e o raciocínio prático independente.

O raciocínio prático independente

MacIntyre aponta que a transição, que vai desde a primeira infância – quando os seres humanos são tão dependentes quanto os bebês de outras espécies, como os golfinhos e gorilas – até o momento em que ser humano se transforma em um raciocinador prático independente, possui três dimensões.

A primeira dimensão desta transição diz respeito à diferença entre ter razões para agir – dimensão que o ser humano compartilha com outros animais como o golfinho e o gorila – e ser capaz de avaliar as razões para ação como boas ou más e em virtude dessa avaliação escolher como agir. O desenvolvimento desta primeira dimensão implica a aprendizagem do reconhecimento de diferentes bens, que se efetiva por meio de um processo gradual, para o qual alguns obstáculos podem se apresentar, tais como, enfermidades, lesões, deficiências congênicas ou adquiridas etc.

A segunda dimensão desta transição implica a criança aprender a distanciar-se de seus desejos e avaliá-los. Esta capacidade é uma condição fundamental para que seja possível um raciocínio sólido sobre as razões para agir, uma vez que quando um desejo não é avaliado criticamente a deliberação e a ação podem partir de premissas não sólidas e motivações defeituosas. “O raciocínio prático sólido e a boa motivação estão relacionados muitas vezes de forma complexa, mas a incapacidade para distanciar-se dos seus próprios desejos representa um perigo para ambos.”⁹

MacIntyre ressalta que esta transição é sempre uma transição social. A história de transição de um indivíduo não é só a história deste indivíduo particular, mas é também a história de outros indivíduos, que tem importância fundamental para determinar que a transição ocorra com êxito, primeiro, fornecendo os recursos necessários para que a transição seja possível, cuidando, alimentando, vestindo, educando, protegendo e

⁸ MacINTYRE, 1999, p.71. Tradução nossa.

⁹ MacINTYRE, 1999, p.73. Tradução nossa.

aconselhando; e segundo, percebendo as particularidades dos indivíduos, oferecendo ajuda de acordo com as circunstâncias, as dificuldades e obstáculos que estes enfrentarem, uma vez que todo indivíduo em algum momento da vida vai precisar de alguém para evitar sofrer de alguma situação de incapacidade ou para conseguir lidar com situações temporárias ou duráveis de deficiência.

Neste sentido, MacIntyre nos lembra que há uma escala de deficiências na qual todos nós ocupamos um lugar, uma vez que

deficiência é uma questão de mais ou de menos, tanto a respeito do grau de deficiência como em relação aos períodos de tempo nos quais nós somos deficientes. E em diferentes períodos de nossas vidas nós nos encontramos, no mais das vezes de forma imprevisível, em pontos muito diferentes nessa escala. Quando passamos de um ponto desse ao outro necessitamos dos outros para reconhecerem que permanecemos os mesmos indivíduos que éramos antes de fazer essa ou aquela transição.¹⁰

Desse modo, ser um raciocinador prático independente supõe aprender a contribuir com a formação e manutenção das relações que tornam possíveis a realização dos bens comuns por parte de raciocinadores práticos independentes. Estas atividades, nos lembra MacIntyre, pressupõem a compreensão compartilhada de possibilidades presentes e futuras. A terceira condição para a transição é justamente essa, a transformação de uma consciência limitada do presente para uma consciência que abrange um futuro possível imaginado. Neste aspecto, MacIntyre aponta que

como raciocinador prático independente eu devo ser capaz de imaginar diferentes futuros possíveis para mim, imaginar-me a avançar de um ponto de partida no presente em diferentes direções. Para futuros diferentes ou alternativos apresentar-me diferentes e alternativos conjuntos de bens a serem alcançados, com diferentes modos possíveis de florescimento.¹¹

MacIntyre aponta que é importante que todo indivíduo saiba visualizar futuros próximos ou distantes, pensando sobre possíveis resultados de seus comportamentos, e para isso deve contar tanto com conhecimento quanto com imaginação. Desse modo, é importante que os obstáculos e ameaças que podem empobrecer a capacidade de imaginação sejam levados a sério. Muitas dificuldades para lidar com o sofrimento e obstáculos que se apresentam aos indivíduos que possuem deficiência e aos outros que os cercam e grupos a que pertencem, estão relacionadas com o empobrecimento da capacidade de imaginar futuros possíveis. Este empobrecimento, no caso das pessoas com algum tipo de deficiência, se dá pelo fato de que muitas pessoas acham que quem padece de deficiências – cegueira, surdez, aleijões etc – está excluído de muitas coisas e não só de um certo conjunto de possibilidades. E a superação destes obstáculos depende não só dos indivíduos que possuem alguma deficiência, mas da contribuição dos outros, dos grupos sociais de que fazem parte.

Mas este empobrecimento na capacidade de imaginar futuros possíveis ocorre com todos os indivíduos – não somente com os que possuem deficiência –, que em alguma etapa da infância podem não ter sido educados para desenvolver esta capacidade. Esta falha educativa, diz MacIntyre, pode ser de duas classes distintas: 1) pela formação de falsas crenças acerca da determinação da vida do ser humano, acreditando que esta é determinada por forças e circunstâncias fora de nosso controle individual e social; e 2) pela formação de

¹⁰ MacINTYRE, 1999, p.73-74. Tradução nossa.

¹¹ MacINTYRE, 1999, p. 74-75. Tradução nossa.

fantasias que ignoram as diferenças entre expectativas realistas e desejos e pensamentos delirantes. As duas falhas podem produzir raciocinadores práticos defeituosos. A primeira leva os indivíduos a não se darem conta da quantidade e diversidade de alternativas que podem escolher, e a segunda, leva os indivíduos a não reconhecerem os limites destas possibilidades e de suas opções de escolha.

Assim, esta terceira dimensão da transição da infância para a condição de raciocinador prático independente se mostra intrinsecamente relacionada com as outras duas. Ao se perguntar se uma razão para agir é suficientemente boa, ou a melhor, o indivíduo deve ser capaz de pensar outras alternativas para avaliar esta razão em termos de possibilidades futuras, e, do mesmo modo, a pergunta sobre o bem a ser feito e a boa motivação para fazê-lo só é possível para aqueles que conseguem se distanciar de seus desejos e avaliá-los. A relação entre estas três dimensões é complexa e levam a um único processo de desenvolvimento, assim, a falha em uma pode levar a falhas nas outras.

MacIntyre aponta, com o desenvolver de sua argumentação, que o raciocínio prático independente se refere ao exercício das faculdades humanas de racionalidade em contextos de práticas diversos e em culturas diferentes, mas em todo contexto o raciocínio prático diz respeito a: “como alguém exercita de um modo relevante as capacidades de um raciocinador prático independente que suas potencialidades para florescer de uma maneira especificamente humana são desenvolvidas”.¹²

Neste sentido, MacIntyre afirma o caráter teleológico da natureza e do agir humanos, uma vez que o raciocínio prático se desenvolve tendo em vista o florescimento humano, a realização da melhor ação a ser realizada. Esta só pode assim ser definida e efetivada por aquele que se tornou um raciocinador prático independente, aquele que no interior das práticas, pelo exercício das virtudes, consegue deliberar pela realização do melhor.

Conclusão

Na ética de Alasdair MacIntyre as concepções de bem, virtude e racionalidade prática não se separam, assim como não se separam das noções de florescimento e dependência enquanto condição humana. Florescer para o ser humano implica a realização de sua natureza, que é o seu desenvolvimento enquanto raciocinador prático independente na condição de animal racional dependente, que necessita das virtudes e das práticas para a realização de sua própria natureza.

O florescimento humano é a história de uma busca, uma busca pelo bem que não está definida, mas que se constrói ao se realizar e está sempre a se definir ao tempo que capacita o sujeito a compreender o que é a vida boa para o homem e o que é o bem e a felicidade. Florescer implica para o ser humano se desenvolver tornando-se raciocinador prático independente, alcançando os bens inerentes ao que é próprio de sua condição, mediante o reconhecimento de sua identidade animal e de sua situação de vulnerabilidade e dependência, lembrando que a animalidade, a dependência e a racionalidade estão relacionadas no ser humano. Esse reconhecimento faz MacIntyre reposicionar as virtudes e o papel destas no florescimento humano, uma vez que são qualidades que permitem o ser humano se desenvolver de sua condição animal inicial à condição de um raciocinador prático independente e permitem o ser humano lidar com a incapacidade e dependência em várias etapas da vida, seja de modo temporário ou permanente.

MacIntyre ancora as virtudes e o desenvolvimento humano às estruturas sociais, uma vez que dada a própria condição do homem, enquanto animal dependente, o desenvolvimento do sujeito em raciocinador prático independente e o pleno exercício das virtudes estão determinados pelas relações sociais compartilhadas, por uma ordem social e

¹² MacINTYRE, 1999, p. 77. Tradução nossa.

política e pelo tipo de relações intersubjetivas que estabelecemos com os outros no interior das atividades e práticas sociais – família, estado, escola, trabalho, lazer, religião. Reconhecer-nos como animais racionais dependentes implica assumirmos nossa vulnerabilidade e a necessidade que temos dos outros que possibilitam o nosso próprio florescer, assim como a responsabilidade que devemos ter diante dos outros que necessitam de nós para florescer.

Texto recebido em: 21/01/2014

Accito para publicação em: 10/04/2014